

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

1.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA, 16 DE ABRIL DE 1881

NUMERO 19

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

## CHRONICA ALEGRE

A semana de que vamos tratar comquanto seja a primeira e a mais veneranda, e represente a maior de todas as solemnidades, nem por isso deixa de ser a menos coherente de todas as semanas.

Exactamente á mesma hora em que a Paixão de Christo exhala nas igrejas cobertas de lucto e juncadas de rosmaninho, o grito dilacerante dos psalmos, e os sacerdotes agitam nos pulpitos desnudados a rhetorica da desolação infinita, aconselhando a renuncia dos prazeres mundanos em face da agonia de um Justo, e avultando a immensidade dos nossos peccados em presença do sacrificio de um Deus, os srs. confeiteiros pela sua parte, e com geral aprazimento não só dos fieis como dos ministros da religião, instigam por todas as maneiras e revestem de todas as seducções o 5.<sup>o</sup> peccado mortal, o terrivel peccado dos epicuristas — a Gula!

A importancia perfectamente secundaria que mentalmente se liga a uma condessa de amendoas, embora, como guloseima appetivel, ella atinja para muita gente um valor inapreciavel, superior a qualquer ordem de considerações, não obsta que as amendoas estabeleçam na Semana Santa um conflicto permanente.

Porque á medida que os templos arrancam as pompas dos seus altares, como as mulheres de Jerusalem rasgavam de caminho para o Calvario os seus vestidos, apagando os lumes que brilhavam na penumbra do sanctuario, como apagaram os algozes o olhar doce e manso do Nazareno, sepultando em trevas as igrejas e abysmando n'uma dôr aguda e cruciante as almas, os srs. confeiteiros, pela mais inexplicavel de todas as contradicções, engrinaldam as cabeças, queremos dizer enfeitam pomposamente as lojas, e conspiram velhacamente para que o preceito da abstinencia e a renuncia dos bons bocados insinuada aos nossos estômagos pela palavra austera dos prégadores, desfalleçam á vista das seducções dulcissimas que os traidores põem diante da incontinencia dos nossos olhos.

Do conflicto a que alludimos resultam ou podem resultar episodios verdadeiramente lamentaveis.

Supponha-se por um momento o sr. Rosa Araujo commungando como um fiel catholico, apostolico, romano, em quinta feira Maior, imagine-se o mesmo sr., na sua qualidade official de presidente do municipio, dando o exemplo da compostura e seriedade, assistindo commovido á cerimonia do Lava-pés, glorificação dos humildes, e chorando as suas mais compungidas lagrimas arrancadas pelos sermões, triumpho dos eloquentes...

Pois bem, é este mesmo cidadão austero que nós vimos abotoado na sua sobrecasaca preta, na igreja de S. Domingos, que se nos depara coroadado de rosas e embrulhado em veus brancos, como uma *rosière*, na travessa de S. Nicolau.

O presidente da camara que na esphera pratica da sua existencia de homem admiramos como um modelo de gravidade melancolica, indispensavel a um bom catholico, revela-se, se o examinamos na esphera fantasista do confeiteiro, como um prevaricador mundano, fertil em insidias, tentadoras, de chocolate e em seducções, irresistiveis, de canelões.

A' hora a que escrevemos accende-se o cirio pascal, repicam os sinos alegremente, estalando no ar embalsamado pelas florescencias da primavera como uma girandola de *glorias*, o *Judas*, hediondo na sua imbecilidade de mono de trapos, arde, estorcendo-se em convulsões explosivas, — e os jubilos das conservarias começam a empallidecer perante a supremacia dos talhos.

*Ceci tuera cela.*

ALLELUIA! ALLELUIA! ALLELUIA!

G. T.

## BONBONS

O *bonbon* tem a sua historia e a sua legenda. Elle figura nos archivos da confeitaria como um producto importante em todas as epochas. A origem da palavra explicam-n'a os francezes pelo adjectivo *bon*, repetido infantilmente pelas creanças, cujos primeiros gritos são *papa dodo, tonton, bébé, fanfan*, etc.

O fabrico dos *bonbons* perde-se em a noute dos tempos. Entretanto convem assignalar-lhe a origem na mesma epocha em que o assucar foi introduzido na Europa, isto é, no seculo XIII. Sabe-se que a primeira experiencia do sumo da canna de assucar, importada do Oriente depois das Cruzadas, realisou-se na Sicilia, cerca do anno de 1230 e por iniciativa dos judeus.

A proposito da industria do assucar, então na infancia, ler-se-ha com interesse o extracto de uma carta de Frederico II, imperador da Allemanha, rei da Sicilia e de Jerusalem, escripta em latim official ao governador de Palermo, Ricardo Filangieri (1230) e que traduzimos:

«Convidamos-te a empregares as maiores diligencias para achar dois homens que saibam fabricar bem assucar e a mandal-os para Palermo. Providenciarás tambem para que elles ensinem outros, de maneira que não se perca em Palermo a arte d'essa fabricação.»

Os *bonbons*, grosseiramente preparados a principio, melhoraram successivamente e adquiriram uma certa perfeição nos seculos XV e XVI.

Francisco I tinha por costume offerecer *bonbons* aos artistas de quem seguia os trabalhos no Louvre e em Fontainebleau. Exigia que se servissem todos os dias na sua meza pratos de *bonbons* variados.

Henrique IV trazia sempre as algibeiras cheias de todas as especies de *bonbons*. Comia-os a cada instante e offerecia-os ás bellas da côrte. O rei guarnecia pelas suas proprias mãos com *bonbons* e fructas crystalisadas as jarras que ornavam as mesas e *consoles* de Gabriela d'Estrées.

Nos reinados de Luiz XIII e Luiz XIV, os *bonbons* adquiriram uma tal importancia na côrte que os grandes personagens offereciam ás senhoras amendoas cobertas, fructos, flores de assucar, pastilhas de chocolate, etc., que traziam em uma *bonbonnière* de oiro ou tararuga.

A senhora de Maintenon, sempre que um bispo ou um galante abbade ia visital-a, tinha por costume offerecer-lhe um elegante sacco de confeitos. Certo dia, a devota esposa do monarcha francez presenteou com diversas guloseimas de assucar candi um alto dignatario da igreja, que apesar de contar poucos annos tinha de menos muitos dentes. O ecclesiastico recusou. A senhora de Maintenon disse-lhe então com os um dos seus mais doces sorrisos:

— Recceia que os *bonbons* lhe façam cair o resto dos dentes?  
Gresset, no seu delicioso poema *Ver-Vert*, escreve:

*Mille bonbons, mille exquises douceurs,  
Chargeaient toujours les poches de nos soeurs!*

Actualmente a fabricação dos *bonbons*, bolos, pasteis e todas as mellicas tentações dos *gourmets* attingiu um desenvolvimento consideravel, aperfeçoando cada vez mais os seus productos, mercê da sciencia e da arte que lhe transmittem os seus segredos e processos.

Paris é o centro inspirador d'esses poemas de assucar. A reputação dos *bonbons* parisienses é universal. Os ricos dos dois mundos não querem ás suas mezas, por occasião de solemnisarem baptismo ou casamento, senão os *bonbons* que tragam a chancellia da capital da França.

O que não obsta que haja em Lisboa, uma cidade esquecida, talvez pelo tamanho microscópico que occupa no mappa geographico, e na rua de S. Bento, uma rua modesta, não obstante favorecel-a a visinhança das Côrtes e a animação do mercado, um industrial obscuro e habil, o Pires, que tem o predicado raro de preparar *bonbons* e *marrons glacés* optimos, rivalizando em tudo com os *bonbons* francezes.

A guloseima parisiense rende a somma annual de 30 milhões de francos.

Casimiro Delavigne escreveu algures:

*Tout se fait en dinant dans le siècle où nous sommes,  
Et c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.*

Se os jantares governam o homem, conforme assevera o poeta, não governará também o *bonbon* o coração da mulher?

SCENTELHA.

## BIBLIOGRAPHIA

### O PRIORADO DE CEDOFEITA

Esta obra do sr. conego Alves Mendes, embora de sua natureza estranha á esphera da nossa modesta critica litteraria, revelou-se nos sob o aspecto de uma leitura attraente. É esta, quanto a nós, a aferição dos melhores talentos,—enflorar os assumptos aridos e captivar a attenção mesmo onde pareça que não haja modo de prender senão os versados na especialidade.

O livro do sr. conego Alves Mendes baseia-se sobre uma questão puramente theologica.

*O Dom Prior de Cedofeita, parochia da freguezia e presidente da collegiada*, escreve o auctor logo na primeira pagina, *está obrigado ao officio coral?*

*Eis a questão. Examinemol-a.*

A exposição, porém, do eminente auctor da *Italia* é tão facil e amena, mesmo quando afflue entre a emmaranhada floresta das locuções latinas, que desaperebidamente leva-nos a destrinçar os pontos mais obscuros e a interessarmos-nos pelas questões menos accessiveis.

Porque, muito embora os canones se nos afigurem a menos re-creativa de todas as sciencias e correlativamente de todas as leituras, o estylo do sr. conego Alves Mendes nem por isso deixa de ser um bello estylo, accendrado no crysol do mais puro archaismo.

## FOLHETIM

### O AMOR DA PÁTRIA

*A colonia portugueza no Rio de Janeiro—o Gabinete Portuguez de Leitura—a sua commemoração do tricentenario de Camões.*

O amor da patria é um sentimento inspirado pela natureza e reclamado pelo interesse da sociedade. É um sentimento em que estão consubstanciadas as mais caras e intimas affeições do coração humano: o amor da terra, que nos serviu de berço; o amor da familia, que nos deu o ser e a educação; e o amor da religião, que bebemos com o leite materno.

Fallando d'este sentimento, no seu livro immortal o «Genio do Christianismo», diz Chateaubriand:

«Duvidamos de que, sem amor da patria, possa haver uma unica verdadeira virtude, um unico verdadeiro talento. Esta paixão «faz prodigios na guerra; e nas letras formou Homero e Virgilio. O poeta cego pinta com preferencia os costumes da Ionia, «onde viu a luz; e o cysne de Mantua entreteve-se com as recordações do seu paiz natal... A não ser o amor da patria, os homens «se precipitariam nas zonas temperadas, deixando o resto do globo «deserto. Póde imaginar-se quantas calamidades resultariam de tal «reunião do genero humano em um só ponto da terra! Para evitar

É verdade que, segundo affirmam os doutos da idéa nova, isto de escrever *em portuguez castiço* já não é quilate que opulente o ouro com ou sem liga de talento.

O gallicismo, segundo parece, principia, ha meia duzia de annos, a cancellar passaportes para a posteridade.

Nós, porém, temos ainda o mau gosto de adorar a nossa bella lingua sonora e colorida, que tão veementemente expressa os grandes lances e as façanhas epicas.

*O Priorado de Cedofeita*, por conseguinte, quando não possuísse outros meritos, bastaria para ter jus ao louvor da critica, ser escripto em portuguez vernaculo.

\*  
\* \*

AFRONTA E DESAFFRONTA, CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES AO DESAFRAO PATRIOTICO do ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Francisco Ferraz de Macedo

Abre o livro do sr. Carvalho Junior, que acabamos de ler, com uma dedicatoria a João de Deus. A dedicatoria reza assim:

*O primeiro poeta lyrico do paiz, o auctor da Cartilha Maternal, d'esse pequeno livro que é o Evangelho das escolas e que será dentro em pouco o principal elemento da nossa regeneração offerece Como homenagem, como tributo respeitoso e sincero ás suas qualidades, aos seus talentos e virtudes.*

O trabalho do sr. Carvalho Junior, inspirado no amor da patria, refere-se a varias questões, mais ou menos importantes, levantadas no Brazil por occasião de pretender a colonia portuguez solemnizar o centenario de Camões.

Repetidas vezes resalta da discussão, que se mantem sempre elevada e digna, o nome de Joaquim Nabuco. Esse nome, porém, que até agora nos apparecera coroado de flores, apparece-nos n'este livro coroado de espinhos.

O auctor censura asperamente o deputado brasileiro, accusa-o de exercer uma pressão deprimente sobre a nossa industria elevando os direitos dos vinhos portuguezes, accusa-o de falsear a missão de representante do Gabinete do Rio de Janeiro no tricentenario de Camões, discute a gloria ruidosa do abulocionista, o renome vibrante do orador e o direito *sui generis* que o parlamento portuguez facultou a Joaquim Nabuco de tomar logar entre os seus membros.

O livro, como já dissemos, é principalmente um protesto nacional, formulado em primeira mão pelo dr. Francisco Ferraz de Macedo—um portuguez illustradissimo, grande amigo de João de Deus,—e sancionado pelo auctor.

«esta desgraça a Providencia (digamol'o assim) prendeu os pés de «cada homem com uma attracção invencivel ao torrão, em que cada «um nasceu. Os gelos da Islandia e as torridas areias da Africa «nunca estão sem habitadores.

Não é só aos desterrados que as saudades lhes engrandecem os encantos do seu berço, fazendo-lhes parecer desmaiadas as flores da terra do exilio, por mais vivo que seja o colorido das suas petalas; parecendo-lhes sem viço a verdura, embora opulenta; sem limpidez as aguas que brotam das fontes, ou que murmuram nos regatos; embaciada a lua e sem poesia; frio e sem brilho o proprio sol. Não é sómente aos que as leis ou a intolerancia dos partidos condemnna a comer o pão amargo do desterro, que a imagem da patria está sempre presente ao seu pensamento, e continuamente gravada no seu coração.

Será menos insofrido o amor da patria, mas não é menos vivo, certamente, nos aventureiros, que deixam voluntariamente o seu paiz para correr em procura de melhor fortuna. Que o digam os portuguezes, sobretudo os filhos da formosa provincia do Minho.

Actua n'estes com mais força este nobre sentimento, porque tudo que os cerca na terra natal, desde a primeira infancia, lhes desperta e imprime n'alma os santos affectos da familia e da patria.

Aquelles prados sempre vecejantes; as florestas frondosas orlando os rios, vestindo as collinas e coroando os montes; tantos rios caudalosos, correndo entre margens de infinita amenidade, innumeraveis fontes de purissimas aguas, rebentando por toda a parte; os valles parecendo jardins; as serras em perenne primavera com suas corças de penedia musgosa; a cada passo um sanctua-

O sr. Joaquim Nabuco foi indigitado para representante official de uma collectividade portugueza.

Ora, muito embora o sr. Nabuco fosse pela complexidade dos seus attributos um digno representante, elle não poderia ser nunca o representante eleito pela colonia portugueza, exactamente em virtude das mesmas razões pelas quaes o principe Amadeu não pode ser o rei ambicionado pela nação hespanhola.

Falta-nos o espaço para analysarmos os argumentos que militam pró e contra as inferencias deduzidas pelo auctor.

O sr. Carvalho Junior é, segundo se revê do seu trabalho, um espirito essencialmente democratico e sinceramente patriota.

Pode exagerar ou enganar-se na apreciação dos factos, mas ficah em todo o caso a gloria de pugnar pela terra que o viu nascer e de honrar o nome honrando a patria.

\*  
\*  
\*

Temos recebido, além dos que já indicámos, os seguintes jornaes: *O Valenciano*, *Correio da Europa*, *A Grinalda Madeirense*, etc.

\*  
\*  
\*

Enviou-nos o distincto poeta Luiz Antonio Gonsalves de Freitas a sua opereta phantastico-burlesca, em 3 actos e quatro quadros, *A pupilla de Beltrão*, expressamente escripta para a recita do 5.º anno juridico. Agradecemos desde já ao auctor a offerta do seu trabalho, ácerca do qual mais de espaço nos referiremos.

\*  
\*  
\*

Publicou-se o n.º 6, pertencente ao 3.º anno, da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, edição esmerada de Ernesto Chardron. Segue publicando os artigos da *Questão litteraria*, insertos na nossa revista.

\*  
\*  
\*

Está no prelo um livro de contos do nosso collaborador Fialho d'Almeida, (o brilhante *Valentim Demonio*). É editado pela acreditada casa Chardron.

\*  
\*  
\*

Recebemos os fasciculos 7 e 8 do *Jornal do Domingo*, de que é gerente-proprietario o sr. Augusto de Sampaio Garrido. É uma

rio, commemorando a existencia veneranda de um bemaventurado; ou um velho castello a recordar os feitos gloriosos dos nossos antepassados na defenza da independencia e liberdade de Portugal; a vida patriarchal que alli vivem os camponeses no seio da familia, cercados de carinhos, nos trabalhos ruraes, auxiliando-se os visinhos mutuamente; e nas festas populares, por mais concorridas que sejam, folgando alegremente como se folga entre amigos e parentes; emfim, todas aquellas bellezas naturaes, e estes quadros de ventura domestica, fallando ao coração palavras de ineffavel doçura, de poesia e de felicidade, adoçam os costumes e apertam e fortalecem os laços que ligam os individuos á familia e á terra onde nasceram.

A historia da colonia portugueza no imperio do Brazil, principalmente no Rio de Janeiro, em razão de ser mais numerosa, fornecc-nos abundantes provas de verdade das asserções acima expendidas.

Associando-se a tudo quanto possa interessar ao bom nome e bem estar da mãe patria, tem sempre largamente aberta a sua bolsa para a socorrer nas calamidades publicas, para exaltar o lustre das festas nas grandes solemnidades nacionaes, para galardoar o merito ou honrar a memoria dos seus conterraneos illustres, para dar impulso e estímulo ás letras, ás artes e á industria; emfim para tomar parte nos grandes commettimentos do progresso, tendentes a desenvolver as forças vitaes da nação portugueza, que hão de trazer-lhe uma proxima epocha de prosperidade e florescia.

Os sentimentos generosos e os serviços patrioticos d'esses nossos irmãos, industriosos e activos fomentadores da riqueza publica

bella publicação, nitidamente impressa, ornada de magnificas gravuras, que só lhe falta para ser perfeita, desenvolver mais a parte litteraria e chamar para ella os nomes dos collaboradores exarados no prospecto.

## RUMORES DOS PALCOS

Transcrevemos de uma interessante correspondencia do *Commercio do Porto* as linhas que se seguem. Tinham-nos referido o facto, mas por tal maneira attingia elle as raias de inverosimilhança que nos recusámos a dar-lhe credito. A occorrenca referida pelo jornal do Porto pinta o gráu da nossa civilisação!

Depois do procedimento da plateia de S. Carlos, onde se reune a sociedade mais fina, já não é licito censurar os conflictos que se dão muitas vezes nas ruas, transitadas pela sociedade mais grossa.

Saudamos o tação nacional, pedindo-lhe menos solas e mais polimento.

«Despediu-se no sabbado a companhia de S. Carlos, mas a plateia não permittiu que uma das mais primorosas cantoras que tem ouvido em Lisboa, se retirasse sem levar a minima razão de queixa do publico d'esta cidade. Cantaram-se o 1.º acto do *Poliuto*, o 2.º do *Roberto* e o ultimo do *Othello*. A Borghi, comquanto não fizesse esquecer a maneira verdadeiramente extraordinaria por que sua mãe interpretava aquelle acto da celebre opera de Rossini, houve-se bem e teve innumeradas chamadas. Da primeira, segunda e terceira vez, appareceu acompanhada com o tenor Corsi e foi applaudidissima; á quarta vez, porém, veio sósinha, e alguns espectadores patearam-n'a!

Parece impossivel que, por muitas sympathias que se dediquem a um cantor, que é realmente exímio na sua arte, mas que já não tem voz quasi nenhuma, se pateie uma cantora tão distincta, tão extraordinaria como é a Borghi, só porque ella, á quarta vez que a chamaram, não se apresentou acompanhada por esse cantor! O resultado foi ser pateado depois o sr. Corsi, que nunca fôra desfeitoado pela plateia. Mas não admira que estas cousas succedam desde que se saiba que na vespera fôra atirado um pataco a um dos cantores que melhor voz possui, embora não saiba usar d'ella com a arte de que dispõem os artistas de mais perfeita educação musical.

O pataco, que é entre nós, quando arremessado ao palco, a ultima prova do desprezo dos espectadores pelos artistas scenicos, ferri no rosto o sr. Carvalho e Mello, primeiro cornetim da orchestra, impossibilitando-o de continuar a tocar n'aquella noute e de occupar o seu logar na seguinte.

no Brazil, devem estar bem presentes na lembrança de todos os portuguezes, que demoram áquem do Atlantico. Não é necessario, pois, mencionar esses actos de patriotismo, de que nos dão exemplo tão a miudo.

E a isto é grato acrescentar que, ao mesmo tempo que assim procedia, e procede, aquella benemerita colonia para com a mãe patria, tratava e tem procurado, com incansavel desvello, cimentar entre si a união e a confraternidade, que são elementos de força e de consideração, e promover entre os seus membros o gosto da leitura e o derramamento da instrução, que, reunida ao trabalho, é o crisol em que se policiam os costumes, em que se esclarece e eleva o espirito, ornando-o de conhecimentos e virtudes, que fazem estimados e respeitados os individuos, e apreciadas e authorizadas as corporações, que os contam no seu gremio.

Com este nobilissimo intuito fundaram os portuguezes estabelecidos no Rio de Janeiro uma associação com o modesto titulo de «Gabinete Portuguez de Leitura.»

Celebrou-se a 1.ª sessão da assemblea geral d'esta associação no dia 14 de maio de 1837, em casa do distincto advogado dr. Antonio José Coelho Lousada, na rua Direita n.º 20. Assistiram a esta reunião 43 socios d'entre 189 que então compunham a sociedade.

Cabe a principal honra d'esta fundação a dois homens benemeritos, José Marcellino da Rocha Cabral, illustre advogado, a quem os acontecimentos politicos de Portugal, em 1828, arremessaram foragido ás praias do Brazil; e o commerciante Francisco Eduardo Alves Vianna.

Foram estes os iniciadores da empresa, o primeiro pelas lides

Lembra-me, a proposito, o dito felicissimo de uma nossa actriz de talento, a quem um espectador dirigiu uma noute igual insulto. A actriz, sentindo cahir-lhe aos pés o pataco, baixou-se, apanhou-o e mostrando-o ao publico, disse:

—Se é para os pobres, ainda é pouco.»

\*  
\* \*

Foi muito bem recebida a engraçada comedia *Bismark em Varzim*, original do sr. dr. José de Sousa Bandeira de Mello, que subiu á scena no Gymnasio. Antonio Pedro e Taborda deram um bom relevo comico aos seus papeis.

\*  
\* \*

Dizem do Porto:

«Subiu novamente á scena, no sabbado, no theatro Baquet, pela primeira vez n'esta epocha, o antigo drama *Maria Joanna, a mulher do povo*, que o publico ahi tem visto repetidas vezes por companhias nacionaes e estrangeiras

«E isto dispensa-nos de dizermos agora dos seus merecimentos. O desempenho não corre por fórma que possa satisfazer. Se exceptuarmos o sr. Luciano, com os seus senões mesmo, a sr.<sup>a</sup> Emilia Adelaide que, não podendo arcar com o confronto com outras artistas que teem interpretado o mesmo papel, ainda assim se faz applaudir n'uma ou n'outra scena, e ainda o sr. Costa, que mostra boa vontade de satisfazer; os interpretes restantes não podem agradar. A traducção não é das mais curadas. No entretanto, o drama tem situações, que fôram applaudidas pelos poucos espectadores que havia no sabbado.»

\*  
\* \*

Uma boa nova! Diz um jornal que está escripturada pela empreza de S. Carlos, para fazer parte da futura epocha, a primadonna Borghi-Mamo.

\*  
\* \*

Sarah Bernhardt continua a sua marcha ovante atravez do paiz dos yankees e dos dollars.

Entretanto, parece que entre os satellites do astro ha varios descontentes. No *Événement* depara-se-nos uma curiosa carta assignada por Maria Colombier, uma das actrices escripturadas por Sarah Bernhardt. Eil-a. Meditem-n'a os srs. actores portuguezes que estão preparando a mala para partirem para o Brazil...

da intelligencia e perseverança do animo; o segundo pela força da vontade e dedicação do trabalho.

Ao diante quiz a associação galardoar esses serviços, determinando em assemblea geral que os seus nomes fossem gravados como fundadores do «Gabinete Portuguez de Leitura», em uma lamina de bronze, e que esta fosse collocada em uma sala do edificio da associação.

Não chegou a realizar-se este preito de gratidão, porque as contrariedades e desgostos, que são communmente o apanagio dos actos desinteressados da dedicação e zelo, levaram Alves Vianna a abandonar a sua obra, despedindo-se da sociedade, antes de ser executada aquella resolução.

Como succede em geral a todas as instituições, por mais beneficicas e illustradas que sejam, a historia do «Gabinete Portuguez de Leitura», nos seus primeiros annos, foi uma continua lucta de esforços generosos e de opposições e difficuldades de todo o genero.

A falta de união entre os membros da numerosa colonia portugueza; as rivalidades de uns, as desconfianças de outros, e peior do que tudo isto a indifferença de muitos; enfim, as malquerenças e inimisades, o desanimo e o desleixo, que dividiam, enfraqueciam e desauthorisavam aquelles nossos compatriotas, obstaram por muito tempo a que se enraizasse, desenvolvesse e fructificasse aquella arvore do bem, plantada por mãos patrioticas para que um dia se abrigassem á sua sombra protectora, em convívio fraternal e esclarecido, os filhos de Portugal, que, abandonando a patria, a familia e os amigos, vão aos milhares á hospiteira capital do imperio bra-

«Afinal, deixamos a Nova Orleans! Que decepção! O paiz onde esperavamos encontrar sol e bengalinhas, forneceu-nos apenas crocodilos.

Ser-lhe-hão enviados dois d'esses amaveis amphibios.

Afirmam-me que podem viver tres semanas sem nada absorverem. É o tempo indispensavel para a viagem. Aconselho que não lhe mostre os dedos, mordem muito.

Por muito copiosas que sejam suas lagrimas, não igualam o numero d'aquellas que o enfado me fará verter na America.

Não se pôde viajar aqui senão na qualidade de diva.

As outras pessoas não existem. — Não se descreve a existencia que arrastamos na Nova Orleans! Deus do céu! como custa a ganhar a vida!...

Imagine que passavamos todo o tempo em uma casa ambulante denominada *cart*. Os balanços equivaliam aos de uma lancha.

Tinhamos que munir-nos de provisões antes de partir. Se nos esquecessem ficaríamos com o estomago a dar horas. Ha oito dias que isto dura. E temos ainda para um mez!!! Dormimos no trem. Faz-se ahi a toilette, janta-se, almoça-se, coia-se e dorme-se promiscuamente...

Trinta pessoas ao mesmo tempo!

Dirige-nos um administrador que, segundo penso, foi militar ou senhor de roça, não se sabe ao certo, o qual pretendeu tratar-nos militarmente, de revolver na mão. A revolta esteve eminente. Afinal caiu tudo em socego, embora a tempestade continue a rugir. E depois, esta cohabitação continua é desesperante. Os angulos exacerbam-se no altrito provocando ataques de nervos e arrebatamentos colericos, apparentemente sem motivo fundado.

Ah!... desventurada!...

Para que se hade ir á America, quando se vive em França? É preciso ser doida, como eu... ou ter necessidade de ganhar o pão... como os outros...

Reflexionem bem, collegas, antes de se expatriarem! Não supõem de certo as contrariedades que os esperam!

Sua

Maria Colombier.

## Os necrologios

Á porta dos cemiterios ha umas taboletas que recommendam aos vivos que respeitem os mortos.

Proponho, e tenciono submeter o meu alvitre á approvação dos

zileiro em demanda de riquezas, como justa recompensa do amor do trabalho e da economia.

E' extenso o catalogo dos socios que se distinguiram n'aquella lucta, porfiando nas suas diligencias até ao vencimento. Mas, finalmente, venceram todas as difficuldades, consolidando a associação; elevando-a a subido grau de esplendor e prosperidade; e fazendo com que nascessem do seu seio duas instituições da mais alta importancia para a colonia: a «Caixa de Soccorros de Pedro V», e o «Lyceu Litterario Portuguez». Medrando rapidamente, estas duas instituições teem produzido immensos beneficios, derramando a instrueção e socorrendo os que necessitam de auxilio.

O «Gabinete Portuguez de Leitura», que principiara apenas com 189 socios, viu elevado este numero em 1860 a mais de mil, e no fim de 1878 a 1:433. N'este mesmo anno teve de receita réis 14:639\$000, e de despeza 11:376\$000 réis.

A bibliotheca, tão pobre nos seus primeiros annos, augmentou successivamente, por meio de donativos e compras de livros, enriquecendo-se com a aquisição de obras de merecimento, muitas d'ellas raras, e com manuscritos importantes; de sorte que contava em 1860 perto de 33:000, e em 1878 47:616 volumes, continuando sempre a crescer.

Quando a associação se viu entrada em seguro caminho de prosperidade, resolveu construir um edificio com as accomodações necessarias para n'elle se estabelecer com largueza. Creou para esse fim um fundo especial, que, augmentando consideravelmente de anno para anno, estava em 31 de dezembro de 1878 em 123:352\$000 réis.

srs. deputados da nação, que se colloque outras tantas taboletas á porta dos vivos e na redacção dos jornaes.

É verdade que no dia 2 de novembro, o *mez negro* como lhe chamam os lapões, dobram os sinos, rezam-se os responsos, po-voam-se os templos, enfeixam-se saudades e vão todos em romaria aos cemiterios cobrir de lagrimas e de flores as sepulturas dos seus mortos queridos.

Essa homenagem funebre que se inspira nas tradições remotas da antiguidade, e se explica pela solidariedade humana e pela hereditariedade espiritual, e que é em Portugal um symptoma é em Paris uma manifestação.

Que importa, porém, que os altares se vistam de preto; que os labios murmurem orações, que dos olhos negros e melancolicos das viuvas, das orphans e das *mater dolorosas* deslize o pranto ardente e inconsolavel que tem em cada lagrima uma recordação e em cada soluço um dilaceramento?

De que serve que os pádres implorem *paz para os mortos* e os dobres funereos peçam orações aos vivos, se o *Necrologio* continua a pezar sobre a nossa misera existencia como um enxame de bezouros pretos e zumbidores?

Não! não é a procissão dos Prazeres que o governo prohibiu a pretexto de que ella attrahia ao cemiterio occidental a multidão bulhosa, a qual merendava á beira das campas e regava os lilazes dos jazigos com o genuino Torres em vez de regal-os com as puras lagrimas; não, não é essa pobre procissão inoffensiva que perturba o somno dos mortos.

É o *Necrologio!*

Restituam-nos a procissão, que a despeito do pugilato que por vezes provocava, tinha a sua grande poesia, o seu bello aspecto pitoresco, chamando o povo ao culto da Virgem e atirando-lhe braçadas de flores no dia em que começa para elle a folga das sés-tas...

Mas, pelo amor de Deus, livrem-nos do *Necrologio!*

Eu imploro do fundo da minha obscuridade a face benigna do Omnipotente para que elle poupe aos meus despojos mortaes a profanação do necrologio a vintem por linha.

Porque esses necrologios que aspiram a arrancar lagrimas só arrancam gargalhadas; porque essas dores que se expõem a publico, embrulhadas em versos claudicantes ou em proza coxa, em vez de chamarem para um ente que se finou uma sympathia reverente, chamam apenas um ridiculo chinfrinante.

As grandes dores calam-se na concentração digna de um silencio esmagador, não vem para a rua bacharelar indiscretamente e

Apresentados dois riscos para esta edificação, um segundo a architectura da renascença italiana, delineado pelo architecto Bosio, e o outro conforme o formoso estylo manuelino, desenhado pelo nosso habil engenheiro architecto, o sr. Raphael da Silva e Castro, foi preferido o ultimo.

Sendo computadas as despesas da construcção em uns réis 200:000\$000, foi authorisado em assembléa geral o levantamento de um emprestimo até á quantia de 230 contos. Para a inauguração dos trabalhos foi escolhido o dia de um anniversario nacional.

Realisava-se no dia 10 de junho de 1880 o tricentenario do fallecimento de Camões. Esta data, á qual estão ligados justos titulos de gloria e nobres pensamentos do gratidão, despertara no reino um sentimento geral de enthusiasmo pela celebração d'essa solem-nidade verdadeiramente nacional.

Não podiam deixar de actuar estes sentimentos patrioticos no animo dos nossos irmãos de além-mar.

A associação do «Gabinete Portuguez de Leitura» decidiu, pois, commemorar o terceiro centenario do fallecimento do principe dos poetas portuguezes por todos os meios ao seu alcance. E desempenhou-se dignamente do encargo que a si tomou.

Eis as proprias palavras do programma approvedo, e fielmente cumprido:

«Ligar o nome de Camões ao nosso instituto por um laço perpetuo em vinculo de pedra, foi o primeiro pensamento da directo-ria. N'este intuito projecta-se, com a maior solemnidade, a funda-ção da primeira pedra do edificio para a nossa bibliotheca no dia do memorando centenario.

dar em espectáculo a caricatura de um carão feio a fazer beicinho.

E além d'isso, o respeito pelos mortos depende tambem em gran-de parte do respeito pela grammatica.

Todas estas considerações e muitas outras, que poupamos aos leitores, occorreram-nos a proposito de uns versos publicados na secção de annuncios do nosso collega *Diario Illustrado*. Não resisti-mos ao desejo de transcrevel-os:

#### A MINHA EX-ESPOSA

### D. MARIA HELENA DA SILVA DE NORONHA

#### VAGOS

Quatro mezes, ó candida Bonina  
saudosa, surgidos que a brutal  
mancebia, cohôrte libertina,  
ah!... para sempre Te prostou no val.

O delicto? Consórcio, de candente  
amor filho... Debalde, p'lo SENHOR,  
nascituro e amizade, á Innocente  
suppliquei aos sicários não S'expór.

Voaste ao empyreo, piamente creio,  
Victima imbelle. Que vingança os vis!...  
Péde ao ETERNO linitivo ao seio  
meu envie e um anáthema aos reptis.

Cárcere tétrico, Dilecto, o mundo  
para o ousado cantor. Os canibae  
da insidia insaciáveis... Eu profundo  
preito á Virtude cessarei jamais.

Lisboa, 6—4—81.

Thiago Victorino Pinto Lobo.

Agora que já leram, só nos resta rogar-lhes que se dignem pres-tar a sua adhesão ao requerimento que vamos dirigir aos poderes publicos pedindo a suppressão do *Necrologio*.

RELAMPAGO.

«Camões e o infante D. Henrique, representados em bellas es-tatuas de marmore, e ladeando o portico de puro estylo manuelino d'aquelle monumento erguido ás letras, serão os patronos gloriosos da futura «Bibliotheca Portugueza no Rio de Janeiro».

«Projecta mais a directoria mandar imprimir em Portugal uma grande edição dos «Luziadas», edição critica e artisticamente coor-denada, que será precedida de um estudo sobre Camões, seu tempo e sua obra, feito expressamente por um dos nossos mais nota-veis escriptores contemporaneos. Esta edição, nitidamente impressa e elegantemente encadernada, denominar-se-ha «Edição do Terceiro Centenario de Camões». Parte da mesma será pelo gabinete ofere-cida gratuitamente em Portugal e no Brazil; commemorando assim, de modo expressivo, a sua admiração pelo genio do immortal poeta portuguez.

«Finalmente, no dia do faustoso centenario o «Gabinete» pro-moverá no maior theatro ou salão d'esta côrte, adornado com esme-ro, um grande festival artistico, organizado do modo mais distincto e attrahente que permittirem os recursos musicas d'esta cidade. Preferir-se-ha em todo o caso o concurso da companhia lyrica e dos numerosos convidados que fizerem ao «Gabinete» a honra de abrilhantar com a sua presença esta festa popular.»

No dia 10 de junho de 1880 foi lançada nos alicerces a pedra fundamental do novo e grandioso edificio do «Gabinete Portuguez de Leitura», e festejou-se o anniversario com um magnifico e festi-vo concerto.

Publicava-se ao mesmo tempo em Lisboa a esplendida «Edição do terceiro centenario de Camões». E, passado pouco tempo, dis-

## NO CAMPO

Nós temos na provincia a quinta dos Colmeiros,  
Nobre solar que foi  
D'uns fidalgos de raça heroicos e guerreiros  
E que meu pae tomou, medeante alguns dinheiros,  
Ao seu ultimo heroe.

Tem uma casa velha e brazonada, austera,  
Com arcadas senis e porticos antigos  
Onde se enrosca a hera;  
Vou sempre para lá com dois ou tres amigos  
Passar a primavera,

E mando preparar os nossos aposentos  
Na velha torre, onde em lugubres gemidos,  
Sentimos muita vez o espirito dos ventos  
Trazer-nos aos ouvidos,

O triste murmurar das lendas desgrenhadas  
Em que, mortas d'amor nas ceias bordalengas,  
Passeiam toda a noite as almas condemnadas  
Das velhas solarengas.

Cheios de horror e espanto, os rudes camponezes  
Não sabem como nós (que arrojo tão nefando!)  
Podemos dormir lá, onde elles tantas vezes  
Têm visto, á luz da lua, os avejões dançando!

«Jesus!... eredo!...»

Mas nós dormimos como uns frades  
Imperturbavelmente,  
Embora o choro ideal das grandes tempestades  
Na matta solitaria, e as gargalhadas frias  
Dos passaros da noite, afoguem muita gente  
No phantastico horror das tradições sombrias.

Antes do sol nascer eis-nos a pé; depois  
Vamos pelos atalhos  
Bemdizendo Virgilio... os pachorrentos bois  
Erguendo os olhos bons, repletos de segredos,  
Vão ruminando o feno; a orchestra dos chocalhos  
Perturba a santa paz dos mansos arvoredos.

E sentimos-nos bem, cheios de bons confortos,  
Vivendo entre as montanhas  
Que desenham no azul, athleticos abortos,  
As formas desiguas, phantasticas, estranhas,  
Como uns gigantes maus que alli cahissem mortos.

Corre serenamente a lympha das ribeiras,  
Entre os longos abraços  
E os perfumados beijos

tribuia a mesma sociedade uma formosa medalha em bronze, que mandara gravar em Paris, para commemorar o tricentenario de Camões e a inauguração dos trabalhos do seu novo edificio.

Como tributo de reconhecimento e admiração ao inspirado cantor das glorias de Portugal, essa edição dos «Lusiadas» é uma das mais grandiosas homenagens que se tem prestado á memoria do eminente epico. Considerada simplesmente pelo lado do merecimento da edição, pôde dizer-se affoutamente que é uma das mais ricas e primorosas que até hoje se tem publicado.

É um livro em 8.º grande francez, com mais de 500 paginas, contendo: uma introdução; algumas observações sobre o texto e um glossario; o poema os «Lusiadas» e uma noticia historica do «Gabinete Portuguez no Rio de Janeiro.»

A introdução, sob o titulo «Luiz de Camões—A Renascença e os Lusiadas», é um estudo excellente na materia, e de muita elegancia e esmero na forma, producção do talentoso escriptor, sr. Raimundo Ortigão. É um estudo que abrange o poema, o poeta, as epochas que o antecederam e em que viveu, e os personagens que n'ellas figuram pela sua posição social, ou pela elevação e cultura do seu espirito, ou pelo lustre dos seus feitos militares, ou pela grandeza dos seus descobrimentos, ou pela importancia das suas invenções.

É um estudo de historia e critica, que revela subida intelligencia e muita erudição.

O quadro historico é um magnifico trabalho de composição, em que se acham perfeitamente delineadas com vivo colorido, embora como vasta scena em resumido painel, as feições e principaes figu-

Que trocam, no frescor das toscas ribanceiras,  
As flores dos sargaços  
E as hastes dos poejos.

Por entre os aleijões e o musgo dos rochedos,  
Voam rasteiramente as cotovias pardas,  
Julgando ver atraz das silvas e dos brédos  
O olhar das espingardas.

Lemos Flaubert, Zola, Daudet e outros auctores  
D'um paladar distincto,  
Emquanto os rouxinos, nas balsas, entre as flores,  
Saudam tristemente as velhos trovadores  
Dos tempos de Phylinto.

E lembra-nos então, lendo os jornaes do dia,  
Sob as nogueiras altas,  
Junto dos laranjaes,  
Lisboa, a capital, o Tedio, a Hypochondria,  
A farçada que ri, ao clarão das ribaltas,  
Dos astros immortaes.

Reguengos.

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA.

## CARTEIRA DE PRUDHON

X., vergando á catastrophe do rapto da esposa effectuado por um tenor da opera lyrica, queixa-se a um amigo nos seguintes termos:

— Imagina tu que o infame seductor e a ingrata executavam todas as terças feiras o *Canto da partida* a quatro mãos!

— Já sei! Agora executam-n'o a quatro pés!

Entre bohemios:

— Como, Jorge, pois tu deves 40 libras ao teu alfayate!

— Eu não te disse uma vez que estava *cosido* de dividas?

Prudhon sae triumphante de um leilão e encontra um amigo.

— Homem, acabo de fazer um negocio soberbo! Comprei por 200\$000 réis a collecção das obras do padre Vieira!

— Acho caro; tenho apreçado collecções muito mais baratas.

— Ora... mas é que a minha não é como as outras; o corretor avisou-me com antecedencia.

— Então que tem ella de extraordinario?

— Faltam-lhe dez volumes!

ras da idade média, da renascença e da quadra portugueza em que floresceu Camões. A parte critica é um estudo serio, de apreciações philosophicas, e certamente conscienciosas, posto que nem sempre se combinem com o nosso modo de ajuizar. É um trabalho que honra sobremancira o seu erudito author, e que, não desdizendo da alteza do assumpto, abre com chave de ouro aquella formosa edição.

As «Observações sobre o texto» e o «Glossario», com interessantes notas criticas, obra do sr. Adolpho Coelho, é um trabalho philologico sobre a linguagem do poema, que acredita o saber do douto professor e director do Curso Superior de Lettras. É um complemento importante d'aquelle precioso livro.

A «Noticia historica do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro», escripta com imparcialidade e bom criterio pelo sr. Reinaldo Carlos Montóro, começa por esboçar a evolução das idéas na colonia portugueza, em seguida á independencia do Brasil.

Depois descreve minuciosamente a fundação do Gabinete Portuguez de Leitura, as difficuldades com que luctou esta associação, o seu desenvolvimento e progressos, os beneficos fructos que tem produzido, a sua importancia e justa influencia, e os serviços que lhe tem prestado differentes socios, desde o principio até ao presente. A historia de uma tão sympathica instituição é, certamente, um interessante remate de uma publicação que se pôde considerar como um laço que une o nome glorioso de Camões ao prestimoso instituto—Gabinete Portuguez de Leitura.

Se a examinarmos como producção typographica e artistica, pede a justiça que se diga que é uma das publicações mais perfeitas,

Um parcho, muito conhecido pelo seu genio folgassão, encontra um dos nossos medicos menos... felizes.

— Bons dias, collega.

— Collega?

— De que se admira? Por ventura quando um doente nos chama não o ajudamos ambos a morrer?

Dialogo á porta do Martinho:

— Parece incrível que haja tanta gente teimosa! Ha um mez que um diabo tem em seu poder um paletot meu e não m'o entrega!

— Quem é esse diabo?

— O meu alfaiate.

Nota na carteira de viagem de Prudhon:

«Percorri varias florestas virgens e nunca vi nenhuma coberta de flores de lorangeira.

Bébé estuda a lição.

De repente emmudece e pergunta em seguida a sua mãe:

— Constantemente o que é?

— É um adverbio. Olha, *bébé*, em geral tudo que acaba em *mente* é adverbio; exuberantemente, grandemente, vivamente, etc.

— Nesse caso o papá, que, segundo a mamã disse hontem, mente muito, é — adverbio!

A sr.<sup>a</sup> D. Eusebia Praxedes, natural da aldeia de Paio Pires, é apresentada em Lisboa em casa de uma familia das relações de seu esposo, o pharmaceutico Praxedes.

A dona da casa pergunta-lhe amavelmente:

— V. Ex.<sup>a</sup> tem muitos filhos?

— Só uma.

— Que idade tem?

— É uma senhora, acode D. Eusebia, até já é *adultera*!

## INDICAÇÕES UTEIS

Ha dias fomos visitar uma familia das nossas relações e dar os parabens a uns paes pelo anniversario da filhinha. Encontrámos *bébé* extasiada diante de um *biblot* lindissimo.

A semana passada tinhamos estado em uma *soirée* de annos e

mais ricas e de maior belleza que tem sahido dos prélos em Portugal, podendo competir com as melhores que n'este genero tem sido publicadas nos paizes mais adiantados.

A magnifica gravura do retrato de Camões, obra do insigne gravador Panemaker; o perfeito *fac-simile* do rosto da primeira edição dos *Lusiadas*; as formosas vinhetas allegoricas que adornam os dez cantos do poema, no principio e no fim de cada um, devidas aos habilissimos desenhadores, srs. Pedroso, Macedo e Columbano Bordallo Pinheiro, e aos eximios gravadores, srs. Pedroso, Alberto e Severini; a belleza do typo; a perfeição e nitidez da impressão; e a excellente qualidade do papel, constituem uma edição de tanto primor, que bastaria para acreditar e dar nomeada a uma typographia, se a dos srs. Castro & Irmão, de cujos prélos sahiu, não estivesse já acreditada e afamada por outras publicações de não menor belleza e perfeição.

Importou esta edição dos *Lusiadas* em quantia muito superior a 12:000\$000 réis fortes, incluindo as despesas de encadernação. Tiraram-se cinco mil exemplares: dois em pergaminho, um dos quaes foi para a Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, e o outro para a Bibliotheca Publica de Lisboa; dois em papel do Japão, offerecidos a suas magestades el-rei de Portugal e o imperador do Brazil; dois em papel da China para as bibliothecas publicas do Porto e do Rio de Janeiro; uma porção de exemplares em papel Watman, que foram offertados a sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, á Academia Real das Sciencias de Lisboa, á Bibliotheca da Universidade de Coimbra, ao Instituto Historico e Geographico do Brazil, e a varias pessoas em Portugal e

admirado uma serie de objectos artisticos, verdadeiramente seductores, com que fôra brindada a pessoa que fizera annos.

Ultimamente, fomos nós que recebemos um cofre-surpresa, com incrustações de nácar e relevos delicadissimos.

A estranheza naturalmente produzida pelo aspecto de tantos objectos de gosto e novidade, que ordinariamente só se encontram em Paris, suscitou-nos a curiosidade de indagar qual fôra a sua proveniencia.

Soubemos então, e já o deviamos ter adivinhado, que tinham sido comprados no elegante Centro Commercial, a *great attraction* de Lisboa, situado na rua do Ouro, 120 a 122.

\*

\* \*

A pomada brilhante do sr. Fonseca Pinto, destinada a combater a invasão capillar, que desfeia a cutis e contra a qual não havia anteriormente remedio conhecido, tem já a sua reputação feita e os seus credits estabelecidos entre todas as pessoas que a usam. Entretanto, não duvidamos tornar a recommendal-a, prestando assim justiça ao merecimento do seu modesto inventor, que, além d'este, tem outros preparados medicos de reconhecida efficacia.

A pharmacia do sr. Fonseca Pinto, deposito dos seus productos, é situada á Cruz das Almas.

\*

\* \*

Chamar a attenção do publico para a elegante ourivesaria de Pedro Moreira aquivale a um pleonasmo por isso que é exactamente lá, n'essa ourivesaria predestinada, n'esse 103 cantado por todas as lyras e celebrado por todas as pennas, que móra a attenção do publico, as suas sympathias, as suas predilecções.

Essas predilecções justificam-se plenamente ao transpormos o limiar da ourivesaria de Pedro Moreira. Tudo quanto a arte de ourives produz de mais delicado e gracioso, tanto em ouro como em prata, attrae por todos os lados a nossa attenção. Braceletes fantasiosos e modernissimos, brincos caprichosamente modelados, anneis de um gosto novo e finissimo, scintillam em estojos de setim e veludo constituindo outras tantas seducções irresistiveis.

Pena é que o estabelecimento de Pedro Moreira não seja tão grande como a fama que o celebra na sua tuba sonora; elle é, pelo contrario, extremamente limitado, uma porta só, quatro metros de comprimento, dois de largura, e o resultado... o resultado é que excedendo o conteudo o continente os freguezes, e especialmente as senhoras, fazem muitas vezes *queue* como nos theatros de Paris.

no Brazil. O resto da edição em outro papel, tambem de qualidade superior, foi destinada para a venda.

A medalha commemorativa do terceiro centenario de Camões e da fundação do novo edificio está habilmente gravada. No anverso tem o busto de Camões cercado de louros, com estas inscripções: na parte superior—Terceiro Centenario de Camões—e na parte inferior—10 de junho de 1880—No reverso avulta no centro o busto de Minerva, com as seguintes inscripções em volta: Assentamento da pedra fundamental do novo edificio—Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro.

Solemnizando d'est'arte o terceiro centenario do grande poeta, sublime cantor do heroismo de nossos maiores, symbolo da nacionalidade portugueza, prototypo do amor da patria, a Associação do Gabinete Portuguez de Leitura deu authentico testemunho do seu patriotismo e da sua illustração. Assim affirmou mais uma vez o seu amor da patria; esse nobilissimo sentimento, que foi unindo pouco a pouco, em amplexo fraternal, a colonia portugueza no Rio de Janeiro, outr'ora discorde e desunida; e que deu origem ao Gabinete Portuguez de Leitura e a outras associações pias e sociaes, reveladoras do animo caridoso e esclarecido dos seus fundadores. Assim affirmou mais uma vez, repetimos, que não desfallece em tão grande distancia da terra natal, antes se aviva e fortifica a todo o momento no seio d'essa associação, a chamma que mais ennobrece o peito e fortalece o braço do cidadão prestante.

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

### PREÇOS

Cada numero . . . . . 20 réis  
Lisboa Assignatura de 25 numeros . . . . . 500 »  
Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros . . . 2\$000 réis  
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos Ourives, 95.  
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

## CONSERVARIA OCCIDENTAL DE ANTONIO JOAQUIM PIRES

Premiado nas Exposições de Philadelphia, 1876: Porto, 1877 (primeiro premio), e Paris, 1878 (medalhas de prata e bronze)

Especialidade em fructas seccas, crystalisadas e bonbons fondants. Licores. Digestivo, S. Bento e Imperial

FORNECIMENTOS PARA LUNCHS E SOIRÉES  
133, 135—RUA DE S. BENTO—LISBOA

## A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos historicos, objectos artisticos e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR ESCRITORIO DIRECTOR  
Christovão X. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º X. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 Semestre 1\$800 Brazil Trimestre . . . . . 6\$000  
Anno . . . . . 3\$600 Anno . . . . . 12\$000

## P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

## LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer da Italia.

## MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

## PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerceer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatisadas.

LISBOA—Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO—Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

103 RUA AUREA

OURIVESARIA

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata proprios para BRINDES

103—RUA AUREA

## EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre . . . . 2\$330 Semestre . . . . 4\$560 Anno . . . . . 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento n.º 128.

## HISTORIA DE UM GATO PRETO

10.º SONETO

Falla o noticiarista das «Ribaltas»:

Coitado do bichano... Coitadinho!...  
Lastimem leitores meus tanta desdita,  
Uma espinha de tainha frita,  
Iam-nos dando cabo do brutinho.

Engasgando-se o bom do animalsinho  
Poz em casa a familia toda afflicta  
Chamou-se-lhe um doutor, veio o Mesquita,  
Que ao focinho, torceu, o seu focinho.

O bondoso Moreira ao saber tal  
Uma offrenda bisarra logo fez  
E foi, que se escapasse o animal

Mandar-lhe um guiso d'ouro, gosto inglez,  
E colleira tambem d'igual metal  
Tendo em volta gravado um 103.

(Para a semana entra a Tia).